



O Gaiato

PORTE PAGO

Quinzenário • 10 de Julho de 1982 • Ano XXXIX - N.º 1000 - Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NÚMERO MIL

Sentimo-nos tão pequeninos e confusos na tentativa de partilhar com os queridos leitores o número mil de O GAIATO, enquadrado em três efemérides — tão ricas para o nosso coração: 25 anos do Calvário, subida ao Céu de Pai Américo (16 de Julho de 1956) e os 27 anos da Casa do Gaiato de Setúbal.

Que grande alegria sentiria Pai Américo (e sentirá no Céu!) na festa do seu mais querido filho — O GAIATO! E que palavras cheias de amor e mensagem ele nos daria nesta hora! Mas ele está. Sua mensagem de amor, também — palpitante e viva! — graças a Deus e às belas páginas que nos deixou.

Falar de O GAIATO ultrapassa-nos: Foi botão que abriu em flor e fruto! Fruto que dá semente e, todas as quinzenas, germina em nossos corações.

No primeiro aniversário disse Pai Américo:

«Faz agora um ano que O GAIATO saiu de casa com a cesta no braço e de mangas arregaçadas começou a semear. A maior parte da semente caiu em bom terreno e tem frutificado.»

O semeador!

No quinto aniversário Pai Américo insere na primeira página uma foto do cruzeiro e dele fez o bolo de anos. Em todas as nossas Casas ele está. A Cruz é! Todos os números de O GAIATO nascem dela e por ela se fazem:

- Um sinal de paz!
- Um laço de união!
- Uma fonte de amor!
- Um marco de verdade!
- Um gesto de perdão!
- Um reduto de alegria e esperança!

Nascido da Cruz, Pai Américo fez de O GAIATO a voz do Pobre. Quem escuta o Pobre? Não temos tempo... A vida moderna, tão veloz e conturbada, não deixa margem. O nosso coração tão apegado às coisas, também não. O Pobre não tem voz! Que O GAIATO continue a ser a sua. Não punhamos nele outras falas.

Apesar de tantas limitações nossas, temos procurado que O GAIATO seja um chamado ao amor a Deus e aos

Outros. Não vemos outro caminho que leve à Salvação. É o primeiro Mandamento!

Se o homem actual sofre na sua carne com as guerras, a fome, a poluição familiar — muito mais nos deve preocupar a perda no mundo, do sentido da Eternidade.

Cristó quer que todos os homens se salvem. É este o maior desejo dentro do Seu Coração.

Desejamos que para os nossos leitores O GAIATO seja uma pequena ajuda, um alívio na dura caminhada pelo deserto até ao Pai.

Desde o número um ao número mil, todas as quinzenas:

- O semeador saiu!
- O grão de trigo morreu!
- A Cruz foi sinal!
- O Pobre falou!
- Que assim seja sempre.

Padre Telmo



«O Jornal saiu nas horas de estalar! Vem quando a Humanidade chora com fome de Justiça; quando o Mundo está em sangue, que não é o sangue da Cruz de Cristo. Aparece ao lado dos grandes diários, com horrores tantos e tais que se a simples leitura nos dói, que dizer de quem os sofre!»

O GAIATO, não. É um jornal pacífico. Ocupado, como anda, com os trabalhos da Paz, nem sequer dá fé da guerra; e nunca fala de guerras.

Nós queremos a Paz!
O GAIATO revoluciona as almas. Prega o amor... amando. Converte. Seduz. É um programa do Evangelho.

Num destes domingos vendeu-se, furiosamente, à porta da igreja da Senhora da Conceição; os nossos gaiatos eram os vendedores. Ele era tanta gente a pedir o jornal, que o Manuel Durães, atormentado, imperou:

— Metam-se na bicha!
E meteram!

À noite, em nossa Casa, os quatro vendedores do jornal contavam aos que não foram:

— A gente mandava pôr os cartolas na bicha e eles puxavam pelas carteiras e davam dinheiro!

Houve gente que deu na igreja tudo quanto tinha e pediu cá fora dez tostões para o jornal.

Houve mães pobres que vieram das ilhas até ao Largo do Marquês, verificar se o filhinho tinha vindo vender o jornal, e exclamavam ao ver que não:

— Ai quem me dera que o meu menino esteja tão lindo como tu!

Sim; revolução pacífica. É o Evangelho em marcha.

«Não vês a multidão que nos cerca, a perguntar «quem Te tocou»?»

Jesus de Nazaré é sempre o Homem das multidões, por ser o Deus do Amor. «Mete a espada na bainha!»

COLABORAÇÃO DOS LEITORES

Mil edições na rua Trinta e oito anos de vida! Ai está O GAIATO com o espírito de Pai Américo—qual fermento que leveda—em diálogo permanente, renovado pelo calor da primeira hora; voz dos Sem-Voz que assenta, firme, em Pedra Angular—o Santíssimo Nome de Jesus.

Vaso comunicante, O GAIATO comunica, inquieta, partilha. Todos os dias—e sempre—de muitas formas, de todo o mundo, recolhe opiniões, desabafos, votos de um Mundo Melhor, logicamente pela renovação de cada um em proveito de todos, sobretudo dos Pobres mais pobres.

Curvemo-nos respeitosamente diante de quantos aí vão; de outros leitores que o espaço omitiu. Todos d'alma aberta, sem preocupações de nomes, posições, classes, terras, funções. Só Deus sabe quem eles são! Eis o mundo transcendente das almas, festejando na maior intimidade, cada um a seu modo, O GAIATO número mil!

«Grata pela presença amiga de O GAIATO, sempre junto de mim e de meu marido, na nossa leitura diária, à noite. São folhas de Evangelho vivo entre os homens! Pelos muitos ensinamentos que O GAIATO

TO nos tem dado, e pela Luz que dele brota, bem hajam e que Deus sempre vos proteja.»

«Cheguei agora, noitinha, já tudo dorme em minha casa e encontro O GAIATO na

caixa do correio. Depois de ultimar um serviço urgente, ponho-me a ler o vosso jornal e, como sempre, vem à minha ideia mandar um cheque e não estive com mais demoras; desta vez, é mesmo.

Está a fazer um ano que mão amiga me levou a visitar a Casa do Gaiato e o Calvário. Gostaria de vos visitar breve, mas o trabalho e o pouco tempo de que disponho não me permitem. Mas um dia será, novamente.

Quinzenalmente, e de há um ano a esta parte, tenho recebido o vosso jornal, só que eu não tenho sido tão pontual a lê-lo. Entretanto a minha mulher vai-os juntando e eu lá vou pondo, de vez em quando, a leitura em dia. Leitura que nos obriga a pensar; que comparados os nossos problemas com aqueles que vos chegam às mãos todos os dias, nós, egoisticamente, podemos dizer que vivemos felizes, embora saibamos que há tanto sofrimento no mundo, à nossa volta. Eu penso que é bom ler O GAIATO, pois ele aparece como um sinal de alarme a bater ao nosso coração, a fazer com que sintamos o coração amarfanhado, e culpando-nos de permitirmos que na sociedade em que vivemos, haja tanta desgraça, e ao

mesmo tempo o nosso silêncio é cúmplice desta forma de viver.

Bem hajam pelo vosso jornal; não desfaleçam na luta, porque é semente que há-de dar bons frutos.

Agora, quero pedir um favor: enviem O GAIATO para uma pessoa de família, que está passando por uma fase de muito desânimo.»

«Há muitos anos que assino O GAIATO e nada me enche o coração como a sua leitura. Tenho pago sempre, apesar de não ter permanecido na minha terra. Mas a minha alegria é que ele chegue a todas as mãos. E é sempre bem recebido por todos os meus. Que belas lições nos dá! São pérolas caídas do Céu!

Possuo todos os livros do Padre Américo; só me falta o último publicado, que peço o favor de me enviarem.»

«Aqui vai a migalhinha mensal que, suponho, irá cobrir a minha dívida para convosco. Este mês Deus tem usado de misericórdia comigo, restabelecendo a minha confiança na Sua capacidade de multiplicar misteriosamente o pouco. Por isso, o que houver conseguido juntar no mês de Abril, o dizimo será vosso, mais os habituais 100\$00. É dinheiro de Deus, pertence-vos. E só não vai todo porque o junto a fim de proporcionar uma semana no acampamento das Igrejas cristãs ao meu filho, os quais têm sido muito abençoados, não só pela oração e trabalho de estudo bíblico, mas por ensinarem a camaradagem, o trabalho em comum, a responsabilidade de cada um no grupo. Mas o que é de Deus, a Deus pertence. E donde vem, para lá torna.

Um abraço fraternal a todos. Bem hajam pelas magníficas lições que O GAIATO sempre traz. Que o Senhor vos abençoe em tudo; e ao orarem não se esqueçam de Filipenses 4, 13: «Tudo ponho n'Aquele que me fortalece». Vossa irmã no Amor de Cristo...»

«De cada vez que O GAIATO se chega a mim, ficam-me os olhos rasos de lágrimas...! E quanto eu gosto de chorar! Por isso—e por muito mais—quanto admiro a Obra da Rua e o Jornal!

Peço a Deus coragem para carregar com a minha cruz. E peço-Lhe, ainda, coragem para me ajudar a apoiar-vos naquilo de que for capaz. Para começar, envio uma migalha e peço me passeis a enviar O GAIATO que eu, oportunamente, pagarei a assinatura.»

«É a primeira vez que escrevo, pois sou uma das novas assinantes.»

Tenho 20 anos e sou estudante desempregada (pois fiz o Propedéutico e não tive colocação na Universidade. É o mal de muita gente, infelizmente!...).

Gosto muito de ler o vosso jornal pois que por ele vemos os problemas dos Outros mais de perto. Vemos e ouvimos muitas vezes na Televisão e na Rádio a desgraça de muita gente, infelizmente!...

Fico muito contente por ver que estais a conseguir um grande número de novos assinantes, mas todos ainda são poucos... Vou ver se consigo arranjar alguns!»

«Sempre que vou à Missa, ao domingo, encontro os vossos rapazes a vender O GAIATO. Compro-o e fico triste, porque vejo as pessoas a passar e não compram. Nós temos tendência para pensar mal dos outros e por isso eu pensava:—Tantas pessoas e ninguém compra O GAIATO! Se for preciso não gastar o dinheiro em coisas supérfluas. E quem me diz que essas pessoas não tenham assinatura? Quem me diz que não fazem mais do que eu? Nunca pensei ser ou fazer melhor que os outros, mas a verdade é que eu não tenho assinatura de O GAIATO...!

Sempre que o leio, alegro-me com as vossas alegrias, fico triste com as vossas carências e tristezas. Admiro muito a vossa maneira de educar.

Fortes raízes deixou o Pai Américo! A vossa dedicação aos Pobres é para mim motivo de reflexão e inquietação. Procurarei, de futuro, ajudar o mais que puder.»

«Não sei como desculpar-me por semelhante atraso no pagamento de O GAIATO, que tão gentilmente me vão enviando de 15 em 15 dias. Estou em atraso, em muito atraso, nas minhas contas! Não foi descuido, incúria, desmazelo moral; mas sim a vida que, por vezes, não corre muito à feição de quem quer andar em dia com as contas. Peço muita desculpa porque sei—tenho a certeza—que sou perdoada de tão grande atraso. Não irá decerto voltar a acontecer, espero em Deus; agora, a minha situação financeira e a de meu marido vai um pouquinho melhor. Tanto eu como meu marido temos de ponta a ponta o vosso interessantíssimo jornal, sempre que ele chega; é uma leitura sã, simples e que faz muito bem às almas que dela precisam. Em suma, gosto imenso daquela leitura tão pura e tão de Deus.»

O Património dos Pobres é uma Obra essencialmente paroquial, de grande repercussão—qual pedrada no charco na década de 50...—que Deus lançou pela mão de Pai Américo, motivada pela sua tarimba de Recoveiro dos Pobres.

Vale a pena, em dia de festa, fazer uma breve história da Obra, dar o merecido relevo a esta acção que, além de definir a grandeza d'alma de Pai Américo, testemunha o seu espírito cristão de Justiça e Caridade universais.

Um gaiato vicentino—afirma Pai Américo—«*tinha por costume falar-me com dor da corte aonde o seu Pobre habitava. Acontece, também, que naquele tempo o mestre de obras que ergueu todos os edifícios da nossa Aldeia (em Paço de Sousa), estes terminados, pede-me para inventar qualquer coisa; acrescentando que alguns dos seus homens tinham medo de entrar em casa por amor dos filhos—e iam fugir!...*

Acontece, ainda, que há muito guardava no peito o desejo de um testamento. Não queria morrer sem deixar algo aos Pobres. Tinha, até, pensado num grupo de três moradias. Tinha-as localizado. Tinha escolhido as três famílias contempladas. Tudo isto era um segredo. Só faltava a ocasião. Esta veio com a falta de trabalho, segundo o mestre de obras, mai-lo zelo do vicentino,



dois elementos precipitantes. As casas começaram-se (em 1951). Deu-se-lhes jurisdição. O impossível torna-se praticável. Os que nunca tinham visto nem sabiam como descobrir a América, agora sabem. É o Ovo de Colombo!»

A letra e o espírito dos estatutos do Património dos Pobres—acentua Pai Américo—dizem «*que se trata de uma Obra paroquial. Conquanto o pensamento tenha sido originalmente dos Padres da Rua, a Obra não é deles. Não deve ser deles. Se o fora, seria restrita; assim, tende ao universal.*

É neste espírito de Igreja, universalista, que desde sempre enformou toda a acção de Pai Américo, que foram construídas milhares de

habitações para indigentes, em todo o País. Um, directamente pelo Fundador da Obra; outras, por comissões locais—grande parte motivadas pelas Conferências Vicentinas.

• AUTO-CONSTRUÇÃO

Sim, na década de 50, o Património dos Pobres teve o mérito de sacudir o País da inércia quanto ao grave problema habitacional dos indigentes...! E, como Obra viva, evoluiu com o tempo: a Obra da Rua—por intermédio dos párcos—entrega «pequenos auxílios» a Trabalhadores que se dispõem, heroicamente, a levantar suas próprias moradias, bem dimensionadas, em regime de Auto-construção—particularmente nos meios rurais.

A evolução, porém, começou logo após a construção das primeiras casas do Património dos Pobres:

«*São os consertos. Casinhas pobres, mesmo a cair de podres, também estão vendo os seus dias—como uma suave violência feita à doutrina do Património dos Pobres. É a parede. São os telhados. Uma porta. Remendos. Por vezes, um acréscimo; a família aumentou e as posses não. E aqui temos a alegria semeada, aos pouquinhos, no peito dos Sem-nada. Consertámos delas nas freguesias de... Casas onde já não chove. Famílias cada uma em sua morada, apartadas. Decoro. Vida cristã.*

Todos os anos a Obra da Rua distribui centenas de contos pela Auto-construção, de norte a sul do País. E, mau grado a quase marginalização a que estão votados os Auto-construtores—por ausência de ajudas e diminutos incentivos—esta acção permanente é salutar presença da Igreja junto de centenas, milhares de Famílias sem habitação condigna—ansiosas de promoção moral e social.

TRIBUNA DE COIMBRA

Número mil. Motivo de festa e de muitas graças a Deus.

Foi em 1939 que conheci Pai Américo pela sua crónica semanal «Pão dos Pobres» no *Correio de Coimbra*. Era eu então aluno do Seminário da Figueira da Foz. Depois, em Coimbra, continuei a lê-lo já com o título «Obra de Rua».

Recordo o aparecimento de O GAIATO que, passado algum tempo, começou a ser vendido no Seminário de Coimbra por dois pequenos gaiatos. Desde que o comecei a ler nunca mais deixei de o fazer e ainda hoje o leio totalmente. Recordo também que mais tarde acompanhei muitas vezes os dois pequenos a vender o jornal por todos os quartos do Seminário e quanto me apetecia censurar aqueles que não compravam o jornal aos meninos.

Muito cedo me fiz assinante, para poder receber o jornal em férias. Foi, com certeza, a doutrina veiculada por O GAIATO que muito contribuiu

para este meu caminhar e este meu servir.

Pouco tempo depois de mergulhar a servir a Obra da Rua nesta mesma Casa, comecei também a escrever para O GAIATO com este mesmo título «Tribuna» (título de que agora não gosto muito). Escrevi a primeira vez para O GAIATO n.º 176 em 25/11/1950. No n.º 177, de 9/12/1950, Pai Américo, num P. S. à «Tribuna», escreveu: «*Os senhores ajudem o Padre Horácio que tem às costas a cruz de Coimbra, não vá ele desanimar.*

Com a ajuda de Deus e dos Amigos nunca desanimei e espero continuar a servir e a escrever, consciente da missão extraordinária do bem de quem escreve por bem. «*Escrever como quem reza*»—nos ensinou Pai Américo. O GAIATO tem sido um grande mensageiro do Amor de Deus e dos Homens.

Padre Horácio

J. M.

REFLECTINDO

* Há muito, muito tempo, saíu O GAIATO pela primeira vez. Saíu para ser voz dos que não têm voz. Num tempo em que—segundo se diz—ninguém podia falar... ele falou... E falou bem alto!

Ontem, como hoje, continua a mesma missão. Porque agora muito se fala, continua a haver quem não possa defender os seus direitos. E são tantos...! E tantas as dores que transportam, que as páginas deste jornal—mesmo mudados os tempos—continuam a trazer dentro de si a carne viva dos problemas dos Irmãos abandonados.

Ao sair o número 1.000, não conseguimos imaginar o imenso rio de situações que foram retratadas ao longo de todos estes anos, mas podemos sentir as que, aqui e agora, continuam a bater à nossa porta.

Ontem à tarde, uma senhora vem ter comigo. Nova. Cerca de 30 anos. Modos de pessoa educada. Contou a sua história em poucas palavras:

—Tenho cinco filhos. Pequenos. Meu marido abandonou a casa. Não tenho com que os sustentar... nem a quem os deixar para ir trabalhar...

A relutância em separar os filhos da sua mãe, mas sobretudo a nossa Casa cheia—e cheia a pasta de pedidos de admissão, com casos que há muito esperam a sua vez—impediram-nos de ser solução para a mãe desesperada.

A Casa do Gaiato nasceu para ser Família dos sem-família. As famílias sem recursos deveriam ser ajudadas de outra maneira. Mas ainda assim não acontece, por isso batem à nossa porta situações que deveriam ter outras formas de solução, que não a Casa do Gaiato.

A Assistência Social é fundamental, num país onde se queira Justiça. Mas Assistência que assista... E há tanto que fazer neste campo!

* O GAIATO não tem sido, nem é, apenas sinal de dor, mas também de amor. Do amor com que é lido por tantos dos nossos leitores. Tantos que escutam a sua voz com o maior carinho, traduzido em muitos gestos de renúncia e em muitas formas de presença! Tanto assim que O GAIATO é raiz de um diálogo longo e construtivo entre a Obra do seu Fundador, e os milhares de Leitores que firmemente se mantêm fiéis à sua leitura.

Em nome de Deus nasceu a Obra da Rua, em nome de Deus apareceu O GAIATO como seu porta-voz. Vai longe a sua caminhada, agora festejada ao atingir o número mil. Que seja sempre sinal de verdadeira Caridade, para que cumpra a missão com que nasceu há muito... muito tempo atrás.

Padre Abel

AS NOSSAS EDIÇÕES

Uma das mais características facetas de Pai Américo foi a comunicação escrita. Enquanto seminarista colaborou em *Lume Novo*, boletim do Seminário de Coimbra. Já Padre da Rua, publica umas notas semanais em *O Correio de Coimbra*, desde 1932, primeiro sob o título «Sopa dos Pobres» depois «Obra da Rua». Na década de 40 escreve, ainda, num semanário do Porto. E a 5 de Março de 1944 lança O GAIATO — hoje com uma tiragem de 54.000 exemplares — que passa a ser «a porta aberta pela qual os de longe foram entrando e vendo e conhecendo e amando a Obra da Rua».

A colecção de livros da autoria de Pai Américo — alguns em 3.ª e 4.ª edições — reúne já quase todos os seus escritos, em sete títulos:

— *Pão dos Pobres* (três volumes): crónicas inseridas em *O Correio de Coimbra*;

— *Obra da Rua*: relatório da acção de Pai Américo entre 1932 e 1945, cuja 3.ª edição, no prelo, refere tudo o mais até 1956 — pelo seu próprio punho — e, também, a expansão da Obra da Rua após a morte do Fundador;

— *Isto é a Casa do Gaiato* (dois volumes): notas publicadas em O GAIATO, que são «factos, figuras, acontecimentos, descrições cuja beleza define o estilo pessoalíssimo de Pai Américo»;

— *O Barredo*: crónicas de O GAIATO — «repetição viva e actual dos assuntos referidos no *Pão dos Pobres*»;

— *Ovo de Colombo*: breve história do Património dos Pobres;

— *Viagens*: crónicas das viagens ao Brasil, Açores, África e Madeira;

— *Doutrina* (três volumes): colecção de artigos publicados em O GAIATO com o mesmo título e/ou de conteúdo doutrinal.

Agostinho de Campos, em trabalho publicado a 8/3/42 — um ano antes do lançamento de O GAIATO — já sublinhava que Pai Américo «é dos bons prosadores portugueses do nosso tempo, vernáculo, nervoso, cheio de carácter e que sabe dosear natural e perfeitamente, no seu estilo, a tradição clássica e a vivacidade popular».

Dos nossos prelos saíram, ainda, mais os seguintes livros:

— *Calvário*, de Padre Baptista: sobre o Calvário para Doentes pobres incuráveis — ainda hoje sem lugar nos hospitais...! — qual «menina dos olhos» de Pai Américo;

— *O Lodo e as Estrelas* (2.ª edição aumentada), de Padre Telmo: «Apontamentos simples, no quotidiano, de factos tão simples, quase banais — mas nossos, reais. Há neles verdade e sinceridade. Só anseio que, partindo deles, encontres uma vivência que avive um pouquinho o teu amor pelos Outros» — acentua o autor;

— *A Porta Aberta*, de Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte: Pedagogia do Padre Américo — métodos e vida;

— *Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico do Padre Américo*, do Dr. João Evangelista Loureiro: «Pequena biografia na qual se inclui a história» da Obra da Rua.

Estas obras podem ser requisitadas à EDITORIAL DA CASA DO GAIATO — PAÇO DE SOUSA — 4560 PENAFIEL.

IMAGENS DA OBRA DA RUA



Casa do Galato de Coimbra — Miranda do Corvo



Lar do Galato de Coimbra



Casa do Galato do Porto — Paço de Sousa



Lar do Galato do Porto



Casa do Galato de Lisboa — Santo António do Tojal



Casa do Galato de Setúbal



Lar do Galato de Setúbal



Calvário — Beire (Paredes)



Casa do Galato de Beire — Paredes

JULHO

MÊS NATAL NA OBRA DA RUA

É um *acaso* feliz a coincidência do n.º 1000 de O GAIATO com a memória do 16 de Julho, desde 1957 com a inauguração de o Calvário, a data escolhida, por imperativo de Fé e de fidelidade, para Dia da Obra da Rua.

Julho, aliás, é, por excelência, mês natal na Obra da Rua. Princípios pelo fim.

Todo o homem que vem ao mundo, nasce para a Eternidade. Quando a sua passagem no Tempo foi vivida em fome e sede de Justiça, a morte aqui é nascimento no Céu. Por isso preciosa aos olhos de Deus. Por isso bênção para os homens, qual semente que se esconde Lá na Terra da Vida, toda fecundidade, de onde há-de reaparecer cá na abundância e no sabor dos seus frutos. Assim pensam e sentem os homens de Deus. Não admira, pois, que Pai Américo anunciasse com significativa insistência nos seus derradeiros dias: «A minha Obra começa quando eu morrer». Aí está o 16 de Julho: o nosso *dies natalis*.

Foi em Julho, também, dia 1, um ano antes do Pai do Céu o vir buscar, que Pai Américo abriu a última Casa do Gaiato de sua pessoal fundação: esta de Setúbal onde estou repassando pelo coração estas lembranças.

Em Julho de 1932 fervilhava a preparação da primeira Colónia de Campo do Garoto da Baixa em S. Pedro de Alva que, no Agosto seguinte, franquearia as suas portas a «obra de trinta catraios do tugúrio que fizeram ali um estágio de trinta dias, todos de vinte e cinco horas, soletros com máiusculas, espumantes de vigor». É a pré-história da Obra da Rua.

E foi em Julho, 29, de 1929, que aconteceu outro princípio autêntico e fundamental de tudo o que viria depois: a sua ordenação sacerdotal. «Que pena ser isto obra de um padre!» — dizia o farmacêutico de S. Pedro de Alva aos amigos da botica. Saiba o mundo que nada do que foi e é, teria sido se ele não fôra padre, pai, o Pai Américo.

Dois outros acontecimentos de singular importância, posteriores ao 16 de Julho de 1956, tiveram também lugar neste mês pródigo em efemérides: Um, um ano depois, na ordenação de um dos nossos padres, foi que a Igreja se pronunciou pela primeira vez de forma solene e comprometida com a Obra da Rua, pela voz do Senhor Bispo do Porto. O outro, em 3 de Julho de 1965, quando, reunidos em Fátima, «os Prelados que têm sacerdotes seus ao serviço da Obra da Rua» aprovaram as Normas de Vida dos seus padres, o nosso Estatuto eclesial.

Pois é neste contexto de vida que surge o n.º 1000, um número simbólico de perenidade, aquela que Pai Américo prometeu no n.º 1 do seu jornal: «*Aparece hoje O GAIATO e regressa no terceiro domingo do mês à mesma hora; e assim por diante, todos os primeiros e terceiros, até ao fim do mundo*».

Comunicar, para Pai Américo, foi uma necessidade vital, como respirar. É ele quem o revela: «Quero dizer que não é meu costume escrever para o público. Como também

não era falar aos auditórios quando, dantes, era pregador. Escrevo para mim. Falava para mim. Tomava uma lição do Evangelho. Metia-me dentro dela. Reflectia. Ruminava. Quando subia ao púlpito, ia a ferver. Havia grande ansiedade de dizer e sentia na alma do povo a de escutar. Tudo e todos vibravam. A nota era só uma: Jesus crucificado.

(...) Pois muito bem. O GAIATO é o meu púlpito. Os leitores, o auditório. Escrevo para mim. Gozo. Deleito-me. Choro. Rio. A nota é só uma: a paixão da Obra da Rua por amor dos que nela se abrigam.»

Necessidade que nasce nele, que parte dele e contagia outros. Foi assim desde que o seu Bispo o encarregou da Sopa dos Pobres e ele empreendeu, meses depois, as Colónias de Campo do Garoto da Baixa, corria o ano terceiro do seu sacerdócio. Pai Américo a evoca, um pouco antes de surgir O GAIATO: «Esta doutrina social que agora lês na *Ordem* com o nome de «Casa do Gaiato», foi, antes, «Sopa dos Pobres» e depois «Obra da Rua» em um semanário da cidade de Coimbra. Rótulos diferentes de um mesmo néctar, foi por vezes considerado vantajoso o mudar-lhes o nome, fora e acima da minha vontade. Coisas dos homens! A prosa metia medo a reis e reinados. A verdade escandaliza certos e certas, naquele tempo e naquele lugar; mais destas do que daqueles. Gostariam infinitamente que eu me calasse; mas as pedras falariam na minha vez!

Não é de dizer a ninguém a via dolorosa que tem de calcar todo aquele que decididamente procura associar-se à miséria dos Irmãos em Cristo. Tem necessariamente de sofrer quem no mundo se propuser

fazer o Bem bem feito. Ganham-se vitórias, sim, todas as vitórias; não pela força, mas pela fraqueza. (...) Nesta cidade laboriosa hei-de brandir as mesmas armas; fazer-me tudo para todos, para ganhar outras vitórias.»

Comunicativo por temperamento, o sacerdócio, no desenvolver da sua vocação específica, investe Pai Américo na missão de comunicar. Ela integrava o «Bem bem feito» a que Deus o chamara. Por ela, Pai Américo dilatou o bem que a Obra da Rua presta aos seus Rapazes, aos seus Pobres, a multidões incontáveis, também elas verdadeiramente necessitadas... de conversão. Quem não é pobre perante a Obra da Salvação?!

Por isso «desde o princípio quis ter um jornal» — confessa Pai Américo. «Ser independente. Poder falar sem medo (medo de quê?!). Apregoar a verdade, a verdade toda, sem rodeios, sem restrições, abertamente.»

Doze anos demorou a gestação de O GAIATO que hoje se publica pela milésima vez... e «até ao fim do mundo», assim Deus o queira. A necessidade vital de Pai Américo estava finalmente respondida. Ela criara o órgão: O GAIATO, pulmão da Obra da Rua.

Por ele respirou Pai Américo outros doze anos até que o Senhor lhe segredou o «vem bendito de meu Pai...»

Esse dia e essa hora de despedida foi o último acto no Tempo do extraordinário poder de comunicação que em Pai Américo foi dom divino em favor dos homens. Inesquecível para quem dele participou. E para os que não, aqui fica o testemunho fidedigno da Mãe Igreja, tão amada por Pai Américo, que então disse pela

AQUI LISBOA!

Andávamos no 2.º ano de Teologia do Seminário do Porto quando escrevemos a primeira vez para O GAIATO. Foi no n.º 440, de 21/1/61, na secção «Barredo». A segunda, a poucas horas da ordenação sacerdotal, mais concretamente no n.º 506, de 3/8/63. Relemos agora, a propósito do milésimo, o que então escrevemos e aproveitamos a oportunidade para reflectir e meditar.

Apesar de amadurecidos nestas lides de improvisados jornalistas, temos hoje, como ontém, uma grande dificuldade. Escrever para O GAIATO é sempre um parto difícil. Ao fazê-lo sentimos uma grande responsabilidade e um compromisso. Não por os temas escassearem, que até superabundam, mas pela herança a honrar, que Pai Américo nos deixou, sem dúvida, em nossa opinião, a mais expressiva e espinhosa.

Se é certo que todos recebemos dons a cultivar e a desenvolver, Pai Américo foi um verdadeiro carismático na ordem do comunicar. A sua linguagem clara e incisiva, profunda e sintética, pondo os leitores em situações dispare, com sentimentos de alegria e de amargura quase

simultâneos, não pode ser copiada, porque original e muito sua. A capacidade de explorar as coisas simples e delas tirar as lições mais sábias foi ímpar e inimitável. Os escritos de Pai Américo foram e são ele mesmo: o homem de Deus, apaixonado pelos seus Irmãos, um apelo à coerência e ao testemunho.

«A ideia de um quinzenal que dissesse ao mundo quem somos e onde vivemos depressa tomou forma, e O GAIATO espalhou-se num instante. É devorado.» Pensamos que, apesar de tudo, assim continua, a avaliar pela correspondência recebida e pelos mais variados ecos que nos chegam. Uma coisa, pelo menos, é certa: O GAIATO continua a ser um instrumento de alerta, denunciando as injustiças e escalpelizando os desvarios dos homens, congregando e não dividindo, no respeito e no amor, sem ódios e numa busca permanente de verdade. Que assim continue a ser, são os nossos votos, ao passar o primeiro milheiro.

A 16 passa o 26.º aniversário do passamento de Pai Américo. Registrar o facto não pode nem deve ser

PARTILHANDO

Um amigo meu disse que estivera numa reunião cujo tema foi a Família. E que lá se falou bastante das Casas do Gaiato: da sua actualidade, da sua razão de ser.

Este meu amigo ficou impressionado com as opiniões lá havidas de que, num futuro..., as nossas Casas perderiam sua razão de ser. Que as mães *proibidas* de ter os filhos consigo seriam ajudadas, moral e materialmente, para os educar... Etc., etc.

Há meio século já Pai Américo dizia, exigia isto mesmo! Mas avançou tudo isso em passo de gigante. E

os filhos que não têm mãe nem pai...? Nem família...? E se a têm é como se não a tivessem...? Para eles, para esses é que Pai Américo criou a Família dos sem-família: as Casas do Gaiato — a Obra da Rua! A solução boa, não a ótima. Aqui tenho palpado, ao vivo, o ditado: «O ótimo é inimigo do bom».

Pobres de nós que tão mal fazemos o Bem; andamos sempre à procura do ideal, do ótimo — inatingíveis, aqui!

Que Deus nos perdoe...

Padre Moura

Calvário

Sai hoje o número mil de O GAIATO.

Ele tem sido tribuna viva ao longo de anos, desde que Pai Américo o lançou para gáudio dos simples e humildes e inquietação dos grandes e instalados.

Sem outra preocupação que não seja a de levar os homens de boa vontade à prática da justiça social e do amor fraterno para com os mais

palavra do Senhor D. António Ferreira Gomes: «A sua morte cercou-se de um ambiente emotivo e o seu enterro somou-lhe um carácter triunfal que nos habituámos a considerar de outras eras, que quase não achávamos possível nos tempos pequenos que vivemos.»

Depois... é o *tempo comum* que é o tempo do Espírito Santo. Como Ele tem soprado «forte e suavemente», conforme o Seu jeito, nestes vinte e seis anos sem Pai Américo! Quanto Ele terá de soprar «até ao fim do mundo»!

Mas O GAIATO continua sinal de alerta, despertador das consciências, como Deus quis, como Pai Américo realizou.

Demos graças a Deus.

Padre Carlos

frágeis e pequenos, ele tem cumprido a sua missão.

Na verdade que transmite ele perturba as consciências culpadas. Na firmeza com que pugna ele abala as posições cómodas dos bons da sociedade. No inesperado ou por vezes na rudeza das situações que aflora, faz acordar os distraídos ou ocupados exclusivamente com a sua própria pessoa.

Da vida dos mais pequenos, votados ao abandono pelos progenitores; da experiência mais dolorosa dos Pobres sem pão nem abrigo, sem conforto nem amigos, até à doença, na sua expressão mais dramática, que é a irreversibilidade do mal que afecta o físico ou o psíquico, O GAIATO tem sido porta-voz, que os preocupados em viver na verdade e na justiça acolhem com interesse e amor.

E nem sempre é fácil para quem nele tem de colaborar, ainda que com ligeiras crónicas, transmitir o que vive e o que sente, tais os impulsos que o conhecer e o ter que resolver situações provoca. Felizmente, e isso é já uma certa ajuda e compensação, que a palavra escrita em O GAIATO, porque transmissora da verdade, encontra sempre eco. Mas, apesar disso, não é fácil escrever para O GAIATO. Não é que o assunto falte. Ele até sobeja e largamente.

Porém, a delicadeza das situações que envolvem seres humanos, que vamos conhecendo, impõem-nos tal respeito que a sua divulgação ou afloramento afigura-se-nos uma profanação, ou parece-nos enfileiramento na prática puramente jornalística a que desejamos fugir. A dificuldade está sempre no como levar o leitor a entrar no conhecimento dos factos e até a fazê-lo sentir a parcela de culpa que neles tem, para conosco se arrepende activamente.

Por esta razão, talvez, ou com toda a certeza, que muito do que queríamos dizer fica por dizer. Mas mesmo assim o que se vai afirmando já é motivo bastante para reflexão. A esta estejam dispostos todos quantos em O GAIATO poisam seus olhos atentos e penetrantes.

Padre Baptista

Padre Luiz



Director: Padre Telmo
Redacção e Administração: Casa do Gaiato - 4560 PACO DE SOUSA - Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paco de Sousa